

ANAIS DO I COLÓQUIO DO LAHES

Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005

ELOS DE PERMANÊNCIA: O LAZER COMO PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA DOS LIBERTOS E DE SEUS DESCENDENTES

PATRÍCIA LAGE DE ALMEIDA
Mestranda da UFJF

INTRODUÇÃO

Pretende-se enfatizar neste artigo, os momentos de lazer como sendo espaços de sociabilidades, capazes de se revelarem como produtores da inclusão dos negros libertos na sociedade juizforana do início do século XX. A argumentação terá a característica de preencher lacunas a respeito deste grupo, observando algumas de suas peculiaridades dentro de uma coletividade.

Este estudo, portanto, se inclui em uma linha de abordagem que ressalta a importância das vivências e experiências comuns de um grupo, capazes de delinearem sua trajetória em busca de uma coesão que os fortaleça e os identifique, em um contexto adverso.

O foco será dado aos libertos e/ou seus descendentes que se localizaram na zona urbana de Juiz de Fora e de como se organizaram neste novo momento. O comportamento destes indivíduos para viabilizar sua inserção na sociedade e, neste sentido, o lazer como espaço capaz de fortalecer as tradições formando elos de permanência e resistência cultural frente à exclusão e discriminação sofridas¹.

As relações sociais, no Brasil, no contexto proposto, eram baseadas em redes de poder político e econômico, nesse processo a abolição não representou uma ruptura e sim uma continuidade do subjugo social do ex-escravo, da exclusão e da

¹ MATTOS, Hebe Maria. *Das Cores do Silêncio: Os significados da Liberdade no Sudeste Escravista - Brasil Séc. XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 16.

perversidade que existiam na sociedade, que durante anos iria rejeitar o elemento negro como parte integrante de sua formação social².

Com a expansão do processo capitalista, a evolução industrial transformou as relações de trabalho, sujeitas agora ao capital. Novos atores surgiram no cenário social do país submetidos às novas relações de trabalho. O acirramento das disputas pelo poder e as batalhas entre classes, dificultaram ainda mais a inserção do liberto no âmbito social. Totalmente despossuídos, sem encontrar uma maneira de interação com os novos grupos sociais, desclassificados e marginalizados ficaram a mercê da nova conjuntura.³

A visão do negro vadio, incapaz, veio da própria impossibilidade da sociedade da época em aceitá-lo e assim o ex-escravo se tornou um indivíduo visto como desordeiro e ameaçador.⁴ Esse era o desafio que a sociedade, o Estado e a Igreja tinham de enfrentar, legitimar esses homens, deixar que trilhassem o caminho da construção de sua cidadania⁵, aceitar seus credos, suas tradições e sua cultura, tão advera aos modelos tradicionais europeus copiados pelos brasileiros de então.

A questão de limitar o avanço dos negros em busca de uma vida melhor, está estreitamente ligada à nova política vigente que procurava, neste período, transformar o Brasil não só em suas bases agrárias, mas torná-lo um novo país. A onda de progresso derrubava casebres, cortiços, vendas e biroscas dando lugar às novas edificações, mais adequadas ao sistema capitalista que mudava as relações e ditava as regras de conduta sociais.⁶

Retomando o objetivo deste estudo e destacando algumas especificidades de Juiz de Fora, se fazem necessárias algumas considerações que permitirão visualizar como eram as manifestações culturais na cidade.

O cotidiano juizforano era rico em atividades culturais e em festas, o lazer dividia a sociedade, pois no início do século XX, já existiam telégrafos, imprensa, Fórum, escola e banco. Com todo esse desenvolvimento, encontravam-se, na cidade, além de fazendeiros de café, profissionais de outros setores como médicos, advogados, professores, políticos etc.⁷

² CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** 5^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 51/52.

³ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim – O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.** São Paulo: Brasiliense, 1984, p.27.

⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. **Panorama do Segundo Império.** 2^a ed., Rio de Janeiro: Graphia, 1998, p. 54.

⁵ CARVALHO, op. cit., p. 18.

⁶ LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Santos - Transformações Urbanas e Mercado de Trabalho Livre: 1870-1914 in História Econômica da Primeira República,** ABPHE, Organizadores Sérgio S. Silva, Tomás Szemrecsáneji. São Paulo: Huatec-Fapesp, 1996, p. 299.

⁷ OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora:** vivendo a história. Núcleo de História Regional da UFJF: Editora UJFJ, 1994, p. 44.

As primeiras chamadas sobre divertimentos nos jornais de Juiz de Fora, falam de festas bem familiares, como consertos musicais, saraus, bailes de aniversário e jogos participativos. Em um outro momento, verifica-se a presença de um público mais popular, como é o caso das festas religiosas⁸.

Nessas circunstâncias, buscando atingir maior grau de sociabilidade com os brancos, a população negra encontrava nos espaços de lazer um momento especial, sendo estes locais de conflitos, afetividades e reciprocidade entre grupos distintos onde os valores culturais e as condutas sociais se entrelaçavam.

Conclui-se portanto, que

“... a população negra teve que enfrentar sozinha o desafio da ascensão social, e freqüentemente precisou fazê-lo por rotas originais, como o esporte, a música e a dança...”⁹

1 – CAMINHOS PERCORRIDOS NO TRATAMENTO DAS FONTES

A proposta inicial é entrelaçar os documentos com as entrevistas realizadas com alguns descendentes diretos de escravos, filhos e netos.

As entrevistas serão o ponto de partida, pois fornecem alguns relatos de experiências comuns vivenciadas pelos libertos e seus descendentes.

Observa-se que os momentos de lazer proporcionavam não somente fortes vínculos entre os negros, como também criavam as condições necessárias para a convivência destes indivíduos com a comunidade branca. Comparados a outros momentos, portanto, o lazer era fator de integração social.

Por ser este um estudo que privilegia indivíduos comuns e suas práticas, Edward Thompson será utilizado nesta pesquisa, por sua obra expressar uma preocupação:

“...no estudo das resistências das classes subalternas procurando valorizar atitudes e comportamentos que,

⁸ Para perceber a dinâmica cultural da sociedade local, bem como verificar a diversidade dos acontecimentos festivos que ocorriam na cidade, pesquisamos no Jornal do Comércio, do período em questão, na coluna “Onde se Diverte” no setor de Memória da Biblioteca Murilo Mendes no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas e no Lampadário, jornal católico, no arquivo da Igreja da Glória.

⁹ CARVALHO, op. Cit., p. 53

aparentemente insignificantes ou imediatistas, eram no fundo relevadores de uma identidade social em construção... ”¹⁰

Thompson, neste sentido, aproxima-se de Carlos Ginzburg, autor utilizado também como referência neste artigo, não só por valorizar as tradições como forma de resistência, mas por perceber que a cultura dos diferentes grupos sociais se entrelaçavam. Novas formas de relações se restabeleciam a partir de um contato entre culturas diversas. O conceito de Ginzburg, da circularidade das culturas, expresso em “O queijo e os vermes”, pode ser verificado na abordagem de Thompson¹¹.

A sobrevivência das tradições e dos ritos, solidificavam as relações entre os negros que, neste contexto, enfrentavam uma sociedade conservadora, católica, hierarquizada e que os excluía.

Em todas as entrevistas realizadas até o momento, as questões referentes à inclusão social são comuns. O desejo de aceitação em comunidade, a liberdade de expressão sem repressão ou confronto, são buscados pelos negros em todos os momentos.

O Sr. Francino Miguel relata, em sua entrevista gravada e arquivada no Setor de Memória da Funalfa, sua frustração por não saber ler e, ao mesmo tempo, sua alegria por ter sido a primeira criança a ser batizada na capela da Fazenda da Floresta em Juiz de Fora.

O relato acima retrata a necessidade de ascensão social, de aceitação por parte da sociedade branca.

Em um outro momento, o Sr. Francino fala sobre o tratamento que os administradores davam aos negros, chamando-os de: orelhudos, macacada, crioulinho, bicho da orelha redonda. Segundo ele, “**A raça negra era pisada**”. No entanto, os momentos das festas, cantorias, e pagodes, eram os mais esperados, pois a liberdade estava garantida.

Outra fonte a ser destacada aqui e que demonstra o encontro entre os negros e brancos em festejos populares, está no “Inventário Sumário do Fundo da Câmara Municipal no Período Imperial”, do Arquivo Histórico da Prefeitura, série 108, item V – Licença para soltar fogos, no qual em 11 de maio de 1915, encontra-se um requerimento de José Barcellos para soltar fogos em comemoração ao 13 de maio, por se tratar de uma festa nacional.

¹⁰ CARDOSO, Ciro Flamaron. VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1997, p. 156/157.

¹¹ Idem, p. 155.

Haverá outros momentos, em que o lazer será abordado como espaço inclusivo, no qual o compartilhamento de valores se tornar possível.

As fontes serão revisitadas a cada entrevista para que as festas populares e os espaços de lazer sejam percebidos como locais de permanência das tradições e da memória do ex-escravo, em um contexto de transformação social, permitindo a convivência entre brancos e negros. Verificando também como esta relação se estabelecia e como este indivíduo ressignificava sua existência dentro desta sociedade, neste novo momento.

Retomando neste ponto, o conceito da circularidade de Carlos Ginzburg, a relação entre as culturas é explicitada na entrevista do Sr. João Batista Assis, quando relembra que, para freqüentar a Boate Elite, ele deveria estar muito bem arrumado, inclusive usando gravata, se não tivessem este acessório, o dono do estabelecimento o emprestava: ***“Ele tinha uma coleção delas, ia no segundo andar e buscava uma para qualquer um que precisasse.”***

A apropriação de elementos formais tem aqui um sentido de aproximação cultural no qual a resistência está no reconhecimento do que é novo para estes indivíduos, mais que os integra, permitindo a eles a construção de novos significados em um novo momento de vida.

O “**Elite**”, mesmo sendo uma boate só de negros, exigia um padrão no trajar que fazia parte da cultura dos brancos. De qualquer forma, o terno e a gravata simbolizavam uma aproximação destes excluídos à boa sociedade juizforana da época, na qual segundo a coluna “Onde Se Diverte” do Jornal do Comércio, aconteciam grandes bailes, excelentes peças de teatro, entre outros eventos sociais.

A circularidade não só estava demonstrada no traje obrigatório, de certa forma o vestir-se desta maneira já representava que o lugar, mesmo sendo freqüentado por negros, era um lugar de respeito. ***“Negro vestido de terno era mais respeitado.”***

O trabalho com entrevistas, principalmente as que não são filmadas, requer um cuidado muito grande na análise dos discursos. Filtrar estas narrativas e cruzá-las com outras fontes torna o momento da pesquisa mais rico e seguro.

2 – AS VIVÊNCIAS COTIDIANAS E OS ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÕES

Buscando reconstruir suas vidas no pós-abolição, alguns libertos e seus descendentes migravam para a cidade, enquanto outros permaneciam nas fazendas¹². De qualquer forma estes indivíduos tentavam ressignificar suas vidas na liberdade.

As famílias que chegavam à cidade, geralmente vinham por laços familiares, por causa de um tio ou sobrinho que lhes davam apoio. Isto se confirma na entrevista do Sr. João Batista de Assis, gravada e arquivada na Funalfa.

O Sr. João relata que veio de Lima Duarte para trabalhar no Curtume Krambeck, através de seu irmão, em 1924, e que morou na Mata do Krambeck onde existia uma vila na qual alguns trabalhadores podiam morar. A família vinha aos poucos, todos na mesma situação.

O cotidiano era de muito trabalho no Curtume, mas aos domingos, segundo o Sr. João Batista, tinha festa: casamentos, batizados, noivados e se matava um porco. A cantoria seguia noite adentro.

Na entrevista do Sr. Francino Miguel, que permaneceu durante certo tempo na fazenda do Retiro, as vindas à cidade representavam uma felicidade incomum: “***Tomava-se cachaça mesmo***”, e ainda relata que as prisões por bebedeira e vadiagem eram comuns. Vários rapazes como ele, “***da roça***”, vinham até o centro no Cabaré da Maria Birimbó e do João Bruziguinha, de sábado para domingo, o sanfoneiro, um crioulo chamado Jovelino, tocava uma sanfona de 24 baixos. Diversão garantida.

O lazer no cotidiano dos libertos e de seus descendentes, representava mais que uma fuga à dura realidade. Nestes momentos se fortificavam os laços de amizade, se ampliavam os espaços de convivência. O “***fazer parte***” era o que importava.

A tradição do batuque, da cachaça, da roda de samba, das cantorias, perpetuava a memória de resistência impressa desde o cativeiro.

Dona Maria Caetana dos Santos, 111 anos, nascida em Santana do Garambel, na roça, relata em sua entrevista que, além de namorar escondido por um buraco na parede de sua casa, as procissões eram seus momentos preferidos. Ela seguia de carroça até a matriz.

Em seus relatos, Dona Caetana relembrava os maus tratos sofridos na fazenda onde morava com a família, onde trabalhava o dia inteiro no cabo da enxada.

Já o Sr. João Batista conta que era muito difícil encontrar negros trabalhando no comércio, “***os que chegavam, dependendo da esperteza, iam arrumando colocação como carregador ou atendente***”.

¹² Leia-se: MATTOS, Hebe Maria: “***Das Cores do Silêncio***”. CHALHOUB, Sidney: “***Trabalho, lar e botequim***”. GUIMARÃES, Elione Silva; GUIMARÃES, Valéria Alves: “***Cotidianos da Escravidão em Juiz de Fora***”; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de: “***Solidariedades e Conflitos***”.

Neste ponto da entrevista, é fácil perceber que, no espaço do trabalho, a maioria dos negros era utilizada nos serviços mais pesados, diferente do espaço de lazer onde todos podiam se aproximar.

O cotidiano era marcado pela dureza do trabalho que, mesmo após a abolição, não mudava muito. Os momentos de lazer eram, portanto, momentos de unidade, de estabelecimento de elos de solidariedade que representavam a permanência das tradições como um amálgama a solidificar a identidade deste grupo.

O dia-a-dia era de pobreza e restrições, neste sentido os laços de apoio mútuo eram vínculos fortalecidos no trabalho, na vizinhança, no apadrinhamento. A maioria das mulheres trabalhavam como domésticas, os homens em serviços braçais.

A rotina familiar, caracterizada pela precariedade, só se modificava nos momentos de lazer quando estes homens se aproximavam para conversar, bebericar, contar histórias, dividir angústias. Estes momentos os encorajavam para as duras jornadas no trabalho pesado.

Nos bairros, as famílias iam chegando na cidade à procura de trabalho, o que aumentava a periferia. O Botanágua, hoje margem esquerda do Rio Paraibuna até o Retiro, era o bairro mais violento da cidade, onde muitos libertos encontraram moradia no pós-abolição. A amizade entre os vizinhos era fator de segurança, compartilhavam-se as aflições. Ao menor sinal de desordem, a polícia chegava e levava preso o suspeito, geralmente o preto e pobre.

Em alguns processos, encontramos as características dos desordeiros, como em um caso ocorrido em Vargem Grande, em 1890, na Fazenda Serra do Paraíso, o negro Victoriano, liberto, mata com um tiro sua mulher. Em outro processo, ainda do Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora, série X – Crimes contra a segurança da pessoa e da Vida - no Beco das Cavadas, no Botanágua, três indivíduos mulatos são presos por cantoria, terminando por atacar os policiais.

As peças vão se encaixando na tentativa de reconstrução deste universo. Muitas são as dificuldades encontradas nos arquivos. Em muitos processos, não é especificada a cor do indivíduo, os indícios na interpretação do processo são desvendados nos depoimentos orais. Ao encontrar o termo “*capoeira*”, preso por briga, bebedeira ou outro delito, só a dedução, como exercício de análise, pode ser considerada como via na reconstrução das experiências cotidianas dos escravos libertos e de seus descendentes em Juiz de Fora.

3 - O SIGNIFICADO DA FESTA

Para avaliar a importância das festas religiosas e profanas, como espaços de inclusão dos libertos na sociedade, será utilizada a obra - A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais - de Mikhail Bakhtin.

Ao ressaltar as festas, os batuques, mandingas, capoeira, samba, e pagodes, como locais de preservação da memória coletiva dos negros, nos quais as diferenças eram afirmadas, não se afasta a idéia de que, nestes momentos de lazer, a convivência entre negros e brancos se tornava possível. Neste sentido, a “praça pública” era o centro por excelência de todas as formas de expressão da cultura popular.¹³

O carnaval era uma festa de todos e, de certa forma, durante este período, todos os indivíduos podiam se expressar livremente. Ao mesmo tempo em que se percebe no riso, abordado por Rabelais, formas de subversão à ordem, também é possível interpretá-lo como forma de socialização entre grupos de diferentes culturas¹⁴.

Na maioria dos relatos e fontes é possível verificar que, em algumas comemorações e festas, mesmo as mais populares, a freqüência era em grande parte, da população branca. Enquanto outras, como a “**Roda da Tumba**”, realizada em um salão no Lamaçal, hoje bairro Bom Pastor, apenas negros participavam. Esta dança dos primitivos, “**Amassa Barro**”¹⁵, era uma mistura de jogo, capoeira e batuque. Talvez a presença negra se explique por ser o Lamaçal um bairro onde só existiam casebres de sapé, e ainda, segundo o Sr. João Batista, “**muita briga por causa das negras bonitas e da bebedeira**”.

O contexto abordado neste artigo, início do século XX, onde as relações estão em plena transformação econômica, política e social, o estudo das narrativas destes homens que acabavam de sair do cativeiro em busca de suas liberdades, tem a inclusão como ponto central a ser apreciado. Neste sentido, os ambientes de lazer nos revelam a possibilidade do encontro de culturas na informalidade de um lugar comum.

Fosse qual fosse o festejo, o universo da rua era o mais importante, combinando-se com a diversão. Na rua – praças, botecos, armazéns, biroscas – todos se encontravam, compartilhando esses locais públicos, onde amigos, vizinhos ou parentes podiam se distrair livremente.

Na maioria das vezes, eram os mais pobres que freqüentavam os espaços públicos. Mesmo durante o carnaval, a elite se fechava nos clubes ou em salões de grandes mansões. O carnaval de rua era freqüentado majoritariamente pela camada popular da sociedade juizforana.

¹³ BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média, e no Renascimento**. São Paulo: HUICITEC/UNB, 1987, p. 3.

¹⁴ Idem, p. 6.

¹⁵ Segundo o Sr. João Batista de Assis, em sua entrevista gravada em mini-disc, na Funalfa, esta expressão se refere a um grupo de homens primitivos.

Ainda dialogando com as fontes pesquisadas, principalmente as entrevistas, verifica-se que os bairros da periferia eram os locais preferidos na realização destes encontros. O adro das igrejas era freqüentado, não só nas festas religiosas, como também na hora do flerte. Nestes momentos afetivos, onde a população podia estar ocupando um espaço comum, se estabeleciam novas relações, casamentos, namoros, etc.

Nas ruas, na casualidade das relações, os encontros sempre criavam as condições ideais para um “joguinho de cartas”, uma cachaça, um bate-papo. Mas a celebração maior era o carnaval, onde se podia brincar com a realidade escondendo-se atrás de uma máscara ou fantasia.

As festas religiosas também propiciavam a interação entre culturas; as festas de barraquinhas, como a que ocorreu em Juiz de Fora em 1888, no primeiro domingo de outubro, em celebração de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, São Elesbão e Santa Efigênia, com a presença de um Rei e uma Rainha, seguida de uma procissão, servem como exemplo. Segundo o padre Tiago Mendes Ribeiro, um negro, em sua petição: “**...tudo se fará com a pompa devida...**”

Em uma semana de festa, a qual consta na petição, arquivada no Centro de Memória do Seminário Santo Antônio, a preocupação com a grandiosidade do evento é nítida: eleição do rei e da rainha, evento da cultura negra, misturado com missa cantada e pompa, típicos da elite juizforana da época.

A proposta metodológica de também trabalhar com processos crimes, se justifica porque apenas neles encontramos as experiências de muitos dos libertos que residiam em Juiz de Fora. Através de pequenos delitos ou queixas, alguns indícios da vida do ex-escravo - onde moravam, se viviam em família, de onde vieram, suas formas de lazer - são capazes de trazer à tona detalhes importantes no que tange ao caminho trilhado em busca da socialização.

CONCLUSÃO

Chega-se à conclusão de que, ao investigar o objeto desta análise, várias são as abordagens que podem ser utilizadas. Várias são as teorias explicativas que podem oferecer a compreensão do processo de construção da identidade dos libertos em Juiz de Fora, bem como enfatizar o olhar deste indivíduo para esta sociedade, como ela era percebida por ele, e assim ressignificar esta relação.

Importa reconhecê-los inseridos em seu grupo social, interagindo com seu entorno, apesar das diferenças e do subjugo imposto a eles no pós-abolição e por um longo tempo depois.